

Nova geração briga por viabilidade e verba

Alunos das principais universidades do País fazem renúncias à produção nacional

Uma nova geração de cineastas surge e urge. Vem das principais universidades do Brasil, não discute estética, mas viabilidade. Assina listas de presença em bares, se festinam de cinema legal e a maioria no Exterior. Maria Vialar, se com a possibilidade, pois não depura de qualquer qualidade por gerar imagens? No entanto, tem medo de que seus comparsas sobreponham a linguagem do "belo" e "avulso" da publicidade à personalidade e abstração do autor. Essa foi um desses caminhos falha mal do cinema nacional e para reverter esse quadro, este e que, talvez mais barato possível.

Paula Sarmento, 27, tem há filmes. Produz curtas metragens em São Paulo e em Janeiro. O objetivo vem das universidades, apesar da mentalidade e da falta de recursos financeiros. São as únicas alunas de produção do País, avalia o cineasta Carlos Bruchfeld, professor do curso de Cinema da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Nos últimos anos, 80% do cinema nacional acontece nas universidades. A ECA, "que possui o melhor equipamento técnico de cinema da América Latina, em função da tecnologia digital, depois dos estúdios. Além disso, temos dois inovadores professores e talentosos. Vítor Angelo, 27, anos, e Paulo Sacramento, 24, ambos cursam o "sexto" ano.

Vítor Angelo termina seu terceiro curta *Disserum que Eu Volter Americanização*. *Disserum* este mês. "Discurso à respeito da colonização, relacionando o da denominada e o denominado com base no livro *O Discurso da Servidão Voluntária*, do filósofo francês

Carlom Miranda, traço da ordem antropopatia e da deglutição da cultura estrangeira, deleitada como um ingrediente a mais da "nova brasileira". O mesmo conceito foi mantido em seus dois filmes anteriores: *Bozelli* (1992), sobre o cinema no Brasil, e *A Voz do Morto* (1994), sob o olhar de Rocha, dirigido por ele e Sérgio Zagler, também da ECA. "A universidade tem sido tão fundamental como instituição quanto os alunos", diz "Assumimos a tarefa de reviver nosso cinema".

Paulo Sacramento está encaminhado. Ano passado ganhou o primeiro máximo do festival francês, além do prêmio Internacional Henri Langlois, que reúne estudantes de cinema de 35 países, com o polêmico curta *Juvenilia*. O cinema sete por seis se renova e mantém um caráter sobre o desejo e a necessidade da violência, o sadismo", diz ele. A plateia reprodutor o filme, vaiou quando o par o anunciou como vencedor, junto a um curta francês. Por isso, teve de sair do meio da produção (US\$ 6 mil, mais US\$ 3 mil em negativos). "A

graça dos prêmios nunca dá para fazer outro filme", lembra ele. Sacramento supõe que a ECA fa- tu em uma destas premiações que os alunos ganham, com a iniciativa privada. "Com US\$ 300 mil fazemos um curta, já que temos todo o aparato técnico e mão de obra gratuita". Ele cita o Centro de Capacitação Cinematográfica da Cidade do México como uma escola pioneira. "Tudo isso dá verba para o melhor roteiro de longa e, assim, há sempre uma amostra da produção de estrangeiros", argumenta. No curso de cinema da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), isso e soude Luis Bruchfeld, 25 anos, aluno do último semestre de cinema. "Não há nenhum incentivo para filmes, pagamos uma mensalidade de US\$ 200 mil e ainda temos de lançar do nosso bolso o

custo do festival de cinema que

tem, nada de diploma". Ela realizou o filme *Cartão Vermelho* (94), com dinheiro do Prêmio Estudante da Secretaria de Estado da Cultura.

A Universidade Federal Fluminense se (UFF), em Niterói (RJ), e possui decada "a grande proleção" pelos alunos Eduardo Nunes, 25 anos, ganhou o Prêmio IIM (US\$ 3 mil) com o curta *Sigilo*, um dos dois filmes de 94, incluídos entre 64 produções no catálogo comemorativo dos 25 anos da UFF. "O apoio da universidade tem sido fundamental", diz. "Mas a força atual do curso está nos alunos". Ele conta que o curso foi reformulado há dois anos.

Profissional de televisão, como editor da Globovisão, Nunes revela que o filme publicitário rende talentos do cinema autor. "Nosso geração tenta de captar", prevê, defendendo o experimentalismo. Nunes irá se inscrever no Prêmio Estudante, recém criado pela prefeitura de Rio, de olho nos US\$ 10 mil oferecidos, mais oito latas de filme. "Somos tão apaixonados, que fazemos filmes com dinheiro arrecadado em festas", diz Suzana Silva, 40 anos, aluna da UFF. Seu primeiro curta *Don't Die, Cinema*, estreia em abril. "O objetivo é nada, contra a morte" (Juliana Resende).



Vítor Angelo, da ECA, termina este mês seu terceiro curta, *Disserum que Eu Volter Americanização*.

'Juvenilia' mostra cão mutilado

O jovem cineasta Paulo Sacramento conseguiu a proeza de ficar conhecido no méter cinematográfico nacional pelo mal-estar que seus filmes causam no espectador. *Ave* (1992), seu primeiro curta, mostra um jovem trançado no quarto, sedento. *É a mata* uma galinha e injeta o sangue dela nas veias. No encerramento, lê-se: "A galinha foi comida pela equipe, exceto o fotógrafo, que é vegetariano". *Ave* tem humor infame, mas não é o caso do premiado *Juvenilia* (1994).

O filme ganhou o primeiro prêmio do Festival Mundial de Escolas de Cinema de Leuven, na Bélgica, em Henri Langlois, na França. En-

fec, sete jovens suadíveis mutilando um cão, sendo como cenário o antigo Matadouro Municipal, onde fica a Cinemateca Brasileira. Para o diretor, *Juvenilia* foi premiado pela linguagem: ação congelada por fotos. "As pessoas me falam que mostro violência gratuita", diz. "Eu respondo então, você entendeu o filme?" Sacramento garante que não compartilhará da "estética violenta" de Quentin Tarantino. "Quis murar a crueldade de sem espetáculo, a prepara filmações foi muito pesada", admite. "Pegamos um cachorro morto muito ruim e desfrancamos o bicho". Ao final da cartela, um cachorrozinho pressencia tudo (E R).



Paula Sarmento, 27, produz curtas metragens no Prêmio e a cidade de

**CURTAS SÃO
PREMIADOS A
PRODUZIDOS A
BAIXO CUSTO**